

---

# Educação e gênero: a construção das identidades de gênero dos alunos de 1<sup>a</sup>. à 4<sup>a</sup>. série da rede municipal de ensino de Aracaju (SE)

---

**Carla Rezende Gomes**

Mestranda do Núcleo de Pós-Graduação em Educação e  
graduada em Psicologia – UFS  
Aracaju – SE [Brasil]  
npged@ufs.br

Neste estudo, propõe-se a análise da prática pedagógica de professoras do ensino fundamental, da primeira à quarta série, da rede municipal de ensino em Aracaju – SE, destacando o processo de construção das diferenças e identidades de gênero dos seus alunos. O conceito de gênero se baseia na distinção entre sexo e gênero: gênero é definido como a construção social, histórica e cultural das diferenças baseadas no sexo. A pesquisa qualitativa é realizada por meio do estudo de multicasos. Foram privilegiados, durante a coleta de dados, a observação participante e a entrevista semi-estruturada. O universo da pesquisa é composto de quatro professoras. O estudo, em fase exploratória, ocorre na unidade de ensino EMEF José Conrado de Araújo, localizada no Bairro São Conrado. A partir desse estudo discutir-se-á o papel das educadoras como agentes formadores de *habitus* de gênero.

**Palavras-chave:** Cultura. Educação. Gênero. Identidade. Prática pedagógica.

# 1 Introdução

É fato amplamente constatado a grande mudança sociopolítica ocorrida no século XX em relação à identidade feminina. Essa crescente transformação tem levado inúmeras mulheres a conquistar espaços antes considerados masculinos. Em vários países, cada vez mais elas ocupam postos de chefia ou o comando de nações. Constata-se também o crescimento do número de mulheres chefes de suas próprias famílias e, principalmente, mantenedoras da casa.

Apesar de todos esses avanços, persistem preconceitos de várias ordens, discriminações, desigualdades, e o “machismo” ainda é uma atitude vigente em nossa sociedade.

Atualmente, a temática de gênero ganha destaque nas ciências sociais, pois nos põe diante de um novo paradigma de reversão de todos os padrões de dominação e assimetria entre grupos socialmente discriminados. São estudos que desvelam as relações sociais. Para Scott, a essência da definição de gênero baseia-se na conexão integral entre duas proposições: trata-se de um elemento constitutivo das relações sociais calcadas nas diferenças percebidas entre os sexos, e é uma forma primeira de significar as relações de poder (SCOTT, 1990).

A partir desse pressuposto, Moita (2003) conclui que estudos de gênero sugerem que as informações a respeito das mulheres são necessariamente informações sobre os homens, de modo que o estudo de um implica o estudo de outro.

Recorrendo a uma reflexão histórica, percebemos que até bem pouco tempo o papel feminino em nossa sociedade limitava-se ao de dona de casa e mãe, não sendo possível a maioria das mulheres alçar vôos além dessa realidade.

Segundo BRABO (2002), cada cultura atribui traços característicos a seu povo, determinando idéias, valores e comportamentos comuns a homens e mulheres. Em quase todas as sociedades, o poder era atribuído ao homem, em seu cotidiano. Nesse contexto, enquanto se formava a identidade masculina para exercer poder, em todas as circunstâncias da vida, a identidade feminina era forjada ouvindo as palavras, castidade, humildade, modéstia, sobriedade, trabalho etc.

Só para exemplificar, recorremos a um caso citado por Ribeiro (2000, p. 78-79), ocorrido em Portugal no século XVI:

Sendo um alfabetizador, Trancoso foi procurado certa vez por uma dama da sociedade portuguesa que lhe pedia que a ensinasse a ler, já que suas vizinhas liam o livro de rezas na missa e ela não. Respondeu-lhe o poeta que como ela não tinha aprendido na casa dos pais durante a infância, e agora já passava dos 20 anos de idade, deveria contentar-se com as contas do rosário de orações. No entanto ele enviava-lhe um abecedário moral, em que cada letra do alfabeto continha implícito o padrão de comportamento desejado na sociedade seiscentista. Por exemplo, a letra A significava que a mulher deveria ser amiga de sua casa, H humilde a seu marido, M mansa, quieta, regrada, sisuda, entre outros. Encerrava dizendo que se ela cumprisse esse abecedário saberia mais do que aquelas senhoras que liam livros religiosos. Essa era, portanto, a mentalidade da época sobre a instrução feminina em Portugal, e que foi amplamente difundida no Brasil.

Isso aconteceu durante séculos e, por incrível que pareça, ainda permanecem resquícios desse modo de pensar. No decorrer de todo o século XX, presenciamos a mudança do papel feminino de esposa e mãe apenas para o de esposa, mãe e trabalhadora (em alguns casos ela tem ficado apenas com o de trabalhadora) que busca ascensão em sua carreira e tem alcançado cargos cada vez mais altos, chegando, por vezes, ao comando de nações, como hoje se constata na Alemanha e no Chile, países tradicionalmente machistas onde, até bem pouco tempo, pareceria inconcebível que fossem governados por uma mulher.

Sabe-se que é no campo da educação que se constroem e se fortalecem as identidades e que ela contribui tanto para a perpetuação quanto para a transformação e evolução dos estereótipos. Nesse sentido, a escola é fundamental para o desenvolvimento cognitivo, afetivo, moral e comportamental da criança. Neste contexto, o papel desempenhado pelas professoras na estruturação das bases da construção social da subjetividade e do processo de desenvolvimento infantil, como um todo, assume grande relevância.

Pretende-se pesquisar a influência da prática pedagógica da professora quanto às diferenças de gênero e no processo de construção das identidades masculina e feminina nos seus alunos na sala de aula. Além disto, tenciona-se identificar essas concepções nos discursos das professoras do ensino fundamental, além de verificar como as docentes vêm abordando essas questões com os estudantes. A partir desse estudo, discutir-se-á o papel das educadoras como agentes formadores de estereótipos sexuais, de valores e condutas vigentes em relação à identidade sexual, valorizadas na nossa sociedade.

Dada a importância social dessas questões, cabe indagar como se está construindo a

identidade de gênero em nossa sociedade. Qual é o papel da escola nesse processo, visto que ela é o espaço, por excelência, de interação social da criança e do jovem? Como a escola e as professoras, em particular, lidam com as diferenças de gênero entre as crianças na sala de aula?

Este estudo visa produzir conhecimento no campo da educação, com a pretensão de analisar a capacitação das professoras para trabalhar uma perspectiva de gênero, nos conteúdos curriculares da escola, assim como estudar as relações entre a educação e as mudanças sociais no contexto brasileiro. A construção de identidades diferenciadas, particularmente a estruturação das identidades femininas, é condicionada pelas posturas das educadoras no cotidiano da escola, fortalecendo ou enfraquecendo os estereótipos de gênero nas crianças, principalmente nesta situação específica: a infância. A hipótese que norteia esta pesquisa é que, a despeito da orientação da Unesco de que a capacitação em gênero para os professores deve ser um pré-requisito para a sua qualificação, atualmente existe uma lacuna a respeito da inserção dessa perspectiva na formação profissional das professoras que, por conta disso, reproduzem os estereótipos sociais influenciando na construção da identidade das crianças.

Enfim, com o referido estudo, espera-se contribuir para repensar os conteúdos e o processo de formação profissional dos professores, na situação particular da realidade de Sergipe.

## 2 Escola e identidade de gênero

A partir dos anos 1960 do século XX, o questionamento da limitação das mulheres aos papéis de mãe, esposa e educadora, assim como sua entrada no mercado de trabalho, mudou a identidade feminina, com a inclusão de

um novo papel: o de trabalhadora e pessoa com uma carreira. Entretanto essa mudança fez com que a mulher se tornasse um ser em conflito. Isso se dá, segundo Coutinho (1994), em grande parte porque muitas dessas mulheres foram, de um lado, forçadas pela sociedade tradicional, que as treinou para pensar e agir de maneira apropriada aos papéis de mãe e esposa (funções que continuam a ser reforçadas pela cultura) e, de outro, levadas a buscar sua satisfação pessoal fora da família, por meio de seu trabalho e carreira profissional. Diante dessa nova realidade, as mulheres têm sido levadas, nos últimos anos, a repensar seu papel, pois querem pensar e agir por conta própria, mas seu planejamento de vida ainda inclui a antiga identidade feminina, o que faz com que levem sua vida em conflito, entre expectativas contraditórias como zelar por sua formação profissional ou adaptar-se ao ciclo familiar.

Estudos afirmam (MORENO, 1999) que a escola é uma caricatura da sociedade por onde passam todas as idéias que se quer transmitir para conservar tudo aquilo em que se acredita ou querem que se acredite. Para essas autoras, a escola constitui um cenário muito rico, em termos de diversas questões sociais, bem como significativamente representativo de uma realidade social mais ampla. Partindo desses pressupostos e com foco nas relações de gênero, as cenas presentes no cotidiano escolar foram consideradas metáforas de mecanismos ideológicos de gênero, que ocorrem na sociedade como um todo.

A “perspectiva androcêntrica” (MORENO, 1999) presente na escola talvez seja uma das expressões mais fortes desses mecanismos, tendo em vista sua manutenção, a despeito da predominância numérica das mulheres no contexto educacional e, do ponto de vista mais geral, das

conquistas de ordem socioeconômica alcançadas por elas. Consta que na escola se encontram, pela sutileza de seus mecanismos, verdadeiras armadilhas ideológicas. É de acordo com essa lógica que os mecanismos ideológicos de gênero são reforçados, com o intuito de valorizar os padrões de comportamento masculino em detrimento dos femininos, para garantir a manutenção da sociedade patriarcal. Nesse sentido, afirma Moreno (1999, p. 198), os professores/educadores possuem uma “[...] fraca conscientização a respeito desses mecanismos presentes na escola [...]” e nem mesmo parecem ter noção de como se articulam com problemas sociais ligados a essa temática.

Argumenta a autora que, ao ingressarem na escola, meninos e meninas já trazem consigo sua identidade sexual e o papel que lhes corresponde, ainda que não lhes seja muito claro o significado desses conceitos. Entretanto é a escola que colaborará eficazmente para o esclarecimento conceitual do significado do ser menina e fará o mesmo com relação ao menino, não de uma maneira explícita, mas dissimulada, implícita ou com a certeza arrogante daquilo que, por ser tão evidente, não necessita sequer ser mencionado nem muito menos explicado. Para ela, a escola transmite os sistemas de pensamento e as atitudes sexistas, que marginalizam a mulher e a levam a ser considerada um elemento social de segunda categoria.

Aparentemente não são apenas os professores que demonstram ‘ignorância’ sobre o tema. Por meio de pesquisa realizada com supervisores de ensino de Terezina- PI, Abreu (2003) percebeu que parte desses profissionais desconhece o termo “relações de gênero”. Diante de perguntas a respeito do tema houve, por parte dos supervisores, ausência de respostas ou informações distorcidas. Aqueles profissionais

que responderam às questões fizeram-no de forma vaga, no sentido mais geral, ou fugiram do conceito.

Neste contexto, Brabo (2000) acredita que a escola pode exercer um papel importante desde que as mulheres que lá atuam – diretoras, coordenadoras e principalmente como professoras – sejam conscientes da importância destas questões de gênero para a sua própria formação, pois a escola é o ambiente favorável e adequado à reflexão e questionamento dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os sexos, desde os primeiros anos de vida. Para esse autor, a cultura e a ideologia são fatores que historicamente condicionam o papel da mulher na sociedade e são transmitidos por meio da socialização informal. Tendo tal processo continuidade na socialização formal na escola e sendo decisivo, na construção da identidade de ambos os sexos, afetará, de maneira negativa, especialmente a identidade feminina. Observe, assim, que é fundamental a compreensão de como se dá a formação da identidade. De acordo com Habermas, (apud CRUZ, 1997, p. 37.):

A identidade é gerada pela socialização, ou seja, vai se processando à medida que o sujeito- apropriando-se dos processos simbólicos- integra-se antes de tudo, num certo sistema social, ao passo que, mais tarde, ela é garantida e desenvolvida pela individualização, ou seja, precisamente por uma crescente independência com relação aos sistemas sociais.

A esse respeito Sabat (2001) argumenta que a teoria social contemporânea tem discutido a identidade em termos culturais, ou seja, que sua constituição é compreendida a partir de

uma perspectiva na qual importam momentos determinados, histórica e culturalmente, que constituem identidades não definidas nem universais. As identidades culturais não são dadas, a priori, não são preexistentes ao sujeito, elas se constituem no processo de um grupo, sempre em relação a outros grupos, que carregam características diferentes daquele que está sendo representado. Para esta autora a questão das identidades emerge em meio a processos de desigualdade, produzidos a partir de diferenças, enquanto grupos sociais não se reconhecem como iguais.

Para Cruz (1999), a identidade sexual e a relação entre os sexos são construções sociais que se cristalizam em torno de diferenças biológicas e variam no decorrer da história. A educação escolar é fator fundamental no processo de socialização humana, instrumento de construção da cidadania e determinante na forma como os conteúdos sociais serão absorvidos pela criança. Segundo Saviani (2003, p. 13),

Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Conseqüentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, o objeto da educação diz respeito, de um lado, à identificação dos elementos culturais que precisam ser assimilados pelos indivíduos da espécie humana para que eles se tornem humanos e, de outro lado e concomitantemente, à descoberta das formas mais adequadas para atingir esse objetivo.

É pelo trabalho da professora que podemos observar a interferência produzida no comportamento e, mais diretamente, na formação da personalidade das crianças. Se, ao reproduzir os padrões existentes na sociedade, a escola colabora para a manutenção das relações sociais, ao modificá-los, contribui para que essas relações evoluam.

Segundo o relatório de acompanhamento global da educação “Gênero e educação para todos”, elaborado pela Unesco em 2003:

Escolas devem ser locais onde estereótipos são combatidos, não reforçados, através de currículos que levam gênero em consideração e através do treinamento profissional dos professores. O treinamento de gênero para os professores deve ser um pré-requisito para a qualificação. (p. 38).

Siqueira (2003) acredita que as questões de gênero devem ser enfrentadas pelos educadores como um desafio.

### 3 Procedimentos metodológicos

A pesquisa é classificada como qualitativa, de acordo com Trivinõs (1987), que se preocupa com o estudo do processo, e não simplesmente com os resultados do produto. Refere-se, mais precisamente, a “um estudo de caso”, pois o propósito é aprofundar a investigação do fenômeno da função que o professor desempenha no desenvolvimento da identidade de gênero de seus alunos, sem a preocupação de fazer um estudo comparativo. Segundo Gil (1999, p. 73),

O estudo de caso é um estudo empírico que investiga um fenômeno atual dentro do seu contexto de realidade, quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e no qual são utilizadas várias fontes de evidência.

Trivinõs (1987) também considera o “estudo de caso” como uma categoria de pesquisa, cujo objeto é uma “unidade” que se analisa profundamente. Esse tipo de pesquisa vem ganhando maior expressão no campo educacional, com a realização de vários estudos sobre a organização e o cotidiano escolar.

Para coleta de dados, serão utilizados dois instrumentos: observação participante em sala de aula e entrevista semi-estruturada a ser realizada com o segmento de professores da escola selecionada para pesquisa empírica. Para Vianna (2003), a relevância da observação em sala de aula está no fato de ela captar as nuances daquilo que, para um pesquisador menos atento, pareceria comportamento mecânico, vazio, mas cheio de significado. Diz ele que o ritual diário em sala de aula é quase sempre repetitivo em alguns dos seus aspectos, mas sua liturgia, ao envolver alunos e professores, oferece variações que afetam as relações pedagógicas, as estratégias de ensino e as diversas abordagens de orientação da aprendizagem.

A escolha da entrevista “semi-estruturada” se deu por ser uma técnica que possibilita à pesquisadora obter os dados em profundidade, além de oferecer uma “[...] flexibilidade muito maior, posto que o entrevistador pode esclarecer o significado das perguntas e adaptá-las mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista.” (GIL, 1999, p. 118).

As entrevistas serão gravadas para conferir maior precisão aos registros escritos e/ou gravados. No caso de gravador, deverá haver consentimento prévio da (o) entrevistada (o).

Por último, por meio da “análise de conteúdo”, é possível sistematizar e analisar os dados nas diversas fases da pesquisa a partir de categorias principais, que orientam a compreensão do objeto, fundamentadas à luz do referencial teórico construído ao longo da pesquisa.

#### 4 Alguns resultados parciais

O estudo encontra-se em fase exploratória e ocorre na unidade de ensino EMEF José Conrado de Araújo, escola da rede municipal localizada no Bairro São Conrado, periferia do município de Aracaju, que possui, nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, dezessete professoras e um professor. Desse total, quatorze estão em sala de aula (todas mulheres), três são professores de educação física (um homem e duas mulheres) e uma é a professora de ensino religioso. Conta ainda com 1294 alunos matriculados, dos quais 434 distribuídos em 14 turmas de 1a. a 4ª. série, no turno da manhã.

**Tabela 1: Distribuição, por sexo, das 17 professoras e 1 professor que trabalham com as quatro séries iniciais do ensino fundamental da EMEF José Conrado de Araújo**

Sexo	Polivalente	Educação física	Ensino religioso
Mulheres	14	02	01
Homem	–	01	–

Fonte: A autora.

A maioria das professoras, 13 (72,2%) possui nível superior, incluindo, nesse total, o único homem da amostra; 2 (11,1%) estão cur-

sando uma faculdade de licenciatura, 1 (5,5%) possui apenas o nível médio e 2 (11,1%) são estagiárias que substituem professoras com mais de 15 anos de serviço na rede municipal de ensino e que se encontram de licença.

**Tabela 2: Grau de escolaridade das 17 professoras e de 1 professor que trabalham com as quatro séries iniciais do ensino fundamental da EMEF José Conrado de Araújo.**

	Mulheres	Homens
Pós-graduação	–	–
Graduação	12	1
Cursando nível superior	2	–
Pedagógico	1	–
Estagiária	2	–

Fonte: A autora.

O universo da pesquisa é composto de quatro professoras do ensino fundamental da rede municipal. Inicialmente, são realizados três turnos de observação de quatro horas cada um, com cada professora totalizando doze horas de observação participante em sala de aula para cada docente. Optou-se por contemplar essa modalidade de ensino, a partir da constatação, por meio da literatura específica, de que: primeiro, aos 26 meses, crianças já demonstram rotulação e identidade de gênero, preferência por brinquedos sexualmente tipificados e percepção de papéis sexualmente adultos; segundo, há um processo no desenvolvimento de aquisição do papel de gênero; terceiro, aos 8 anos, inicia-se uma fase de abstração, em que esse processo, já estabelecido, apresenta feições diferenciadas (BICHARA, 1994).

Também por se tratar de um período caracterizado pela maior convivência entre professor e aluno, no qual o educador, também chamado de polivalente, é responsável pela sala de aula, passando nela, em média, quatro horas diárias,

o que implica um tipo de relacionamento professor/aluno diferente do verificado na segunda fase do ensino fundamental (5<sup>a</sup>. a 8<sup>a</sup>. séries), em que cada professor ministra uma disciplina, permanecendo quarenta e cinco minutos em cada sala aula. Tendo em vista as peculiaridades do ensino de 1<sup>a</sup>. a 4<sup>a</sup>. série e a conveniência de um estudo com um grupo, o mais homogêneo possível, é que optamos por delimitar este estudo ao cotidiano das primeiras séries do ensino fundamental.

## 5 Conclusões finais

Os dados parciais sugerem aspectos que serão aprofundados, destacando-se as dimensões qualitativas e quantitativas nas fases posteriores da pesquisa. Não se deve esquecer que o papel das educadoras como agentes formadores de *habitus* de gênero abrange a educação informal e formal, o trabalho pedagógico psicossomático de nominação, inculcação e incorporação que se inicia no processo de socialização infantil e continua por meio de variadas e constantes estratégias educativas de diferenciação, no mais das vezes, implícitas nas práticas de vários agentes e instituições como a família, a igreja, a escola e os meios de comunicação.

### **Education and gender: the construction of gender identities of students from public elementary education of Aracaju municipality**

In this study, it is proposed an analysis of the pedagogical practice of the teachers from public elementary education of Aracaju municipality, overtopping the construction process

of the differences and identity of gender of his students. The gender conception is based on the distinction between sex and gender: the last one is defined as the social, historic and cultural construction of the differences based on the sex. The qualitative research is realized through the Study of Multicase (BAGDAN apud TRIVINOS, 1990). It was privileged, during the data collection, the participant observation and the semi-structured interview. The universe of the research is composed by four teachers. The study, in exploring stage, occurs in the EMEF José Conrado de Araújo School, situated in the São Conrado district. As from this study, it will be discussed the role of the educators as formative agents of habitus of gender.

**Key words:** Culture. Education. Gender. Identity. Pedagogical practice.

## Referências

- ABREU, J. J. V. de. *Como o supervisor de ensino trabalha as relações de gênero nas escolas públicas estaduais de Terezina (PI)?* In: CD ROM do XVI Encontro de Pesquisa Educacional do Norte e Nordeste, 10 a 13 de jun. 2003, Educação, Pesquisa e Diversidade Regional. Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão.
- AZEVEDO, A. M. L. de. *Concepções que fundamentam a prática de professores alfabetizadores: conhecimento, linguagem e alfabetização – um estudo do cotidiano escolar*. 1999. 219 f. Dissertação. (Mestrado em Educação)- Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 1999.
- BICHARA, I. Um estudo etológico da brincadeira de faz de conta em crianças de 3 a 7 anos. Tese. (Doutorado)- Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.
- BRABO, T. S. A. M.. Formação da professora sob uma perspectiva de gênero. *Educação em revista – educação e gênero*. n. 3, 2000, Marília, SP, Universidade Estadual Paulista UNESP.
- COUTINHO, M. L. R. *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

- CRUZ, M. H. S. Modernidade e tradição, estudos de caso em indústrias extrat... FAGED – UFBA, 1999.
- GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social . São Paulo: Atlas, 1999.
- MOITA, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro. Educação, gênero e violência doméstica: cores fortes que entretecem os fios da genealogia e recorrência geracional. In: CARVALHO, M. E. P. de. *Gênero e educação*. João Pessoa: UFPB, 2003.
- MORENO, M. *Como se ensina a ser menina: sexismo na escola*. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Ed. Unesp, 1999.
- RIBEIRO A. I. Mulheres educadas na colônia. In: LOPES, E. M. T.; FARIA Filho, L. M.; VEIGA, C. G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- SABAT, R. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. *Revista Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, 2001.
- SAVIANI, D. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. Campinas, SP: Autores associados, 2003.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. In: *Educação e Realidade*, v.16, n. 2, jul./dez.1990.
- SIQUEIRA, M. L. N. O cenário escolar das relações de gênero. In: CARVALHO, M. E. P. P. *Gênero e Educação*. João Pessoa: UFPB, 2003.
- TRIVIÑOS, A N. S. Introdução à pesquisa em ciências sociais – a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.
- VIANNA, H. M. Pesquisa em educação: a observação. Brasília: Plano, 2003. (Pesquisa em Educação, v.5).

